

CAPÍTULO VI

A PERSONALIDADE DE LUTERO, PRETENSO DESCRÉDITO DA REFORMA

Se podes responder-me, põe em ordem tuas palavras diante de mim, e levanta-te. – Eliú a Jô.

Através de repisadas alocações papais e através do ensino oficial da comunhão romana, o Protestantismo é uma heresia e as igrejas protestantes são propagadoras de uma religião anticristã. São de duas espécies os argumentos aduzidos em abono dessa atitude: a primeira classe de argumentos se baseia no fato de ser o movimento protestante um evento que anormalmente interrompeu a vida da Igreja, que vinha seguindo seu curso de quinze séculos, e uma rebelião contra a autoridade divinamente constituída.; a segunda classe de argumentos se tem deduzido dos princípios característicos e das divisões denominacionais do Protestantismo e sua suposta influência perniciosa sobre a sociedade. Os controversistas romanos costumam dar relevo especial à primeira classe de considerações, tratando a natureza do evento em si mesmo e o caráter do principal protagonista, Lutero, como ruins. Por outro lado, os escritores protestantes dão principal realce aos argumentos decorrentes da concordância de seus ensinos com as Escrituras.

O argumento que apresenta o Protestantismo como uma religião perversa contra uma instituição que arrogava caráter divino, procura, antes de tudo, mostrar que Lutero foi impulsionado por motivos inferiores e que sua personalidade desacredita o Protestantismo. O artifício sobre que o argumento se constrói é expediente corriqueiro de arrasar um movimento moral por derribar, se possível, o caráter de seu originador ou promotor. Aplicado ao Protestantismo, ele corre nas seguintes linhas: se o autor do Protestantismo – como Lutero é chamado – foi um homem mau, então o sistema protestante também deve ser mau. Se aquele era corrupto, aquilo a que ele deu existência não pode ser bom.

A resposta é, em primeiro lugar, que o expediente desvia a atenção do assunto principal para matéria que não lhe é de importância vital. A questão é saber-se se o Protestantismo está de acordo com a constituição da Igreja cristã, e não se Lutero era homem bom ou indivíduo ruim. Houve outros Reformadores protestantes ao lado de Lutero e seus ensinos concordam com os deste. Nenhum protestante sonha com um Martinho Lutero “autor do Protestantismo”, assim como não pensa que Copérnico seja o autor da lei do movimento da terra ou que Newton seja o autor do sistema de gravitação. O que o protestante diz é que Lutero descobriu o sistema protestante. O que Lutero fez foi revelar o que ele descobriu. Toda a importância do assunto reside no saber-se o que ele descobriu na Bíblia, aquilo que ele disse haver achado na Bíblia. Ensinam as Escrituras aquilo que ele ensinou? Os adversários de Lutero, durante a vida deste, em lugar de julgarem o caso pelas Escrituras, julgaram-no à luz do Direito Canônico, das prerrogativas papais de uso histórico. Em segundo lugar, o argumento derivado da personalidade de Lutero, para que se tornasse plausível, devia assentar que Lutero foi um mau homem, orientado por impulsos diabólicos. Esse método ou raciocínio é de todos o mais fácil, mas descansa sobre uma desesperada deturpação do próprio Lutero como homem, na perversão de suas palavras e, às vezes, sobre o modo de interpretar-lhe as expressões acerca de suas experiências pessoais e das condições prevalecentes em seu tempo, considerando-as como falsidades deliberadas.

DAVID S. SCHAFF - NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

O Protestantismo não resultou da elaboração do cérebro de Lutero. É um sistema que trouxe para a luz certos ensinamentos de Cristo, como um processo químico reaviva num palimpsesto o escrito original, que tivera algumas partes obscurecidas ou apagadas por algum escritor mais recente. Considerando-se o Protestantismo como um movimento histórico, é legítimo dizer-se que Lutero foi, humanamente falando, seu autor; mas, dizer que Lutero foi o autor do Protestantismo, considerado como um conjunto de crenças, é afirmar uma falsidade. A segunda proposição difere da primeira e é pura peça de velhacaria ignorar a dupla significação da palavra “autor”, quando se fala de “autor do Protestantismo”. É mesmo possível admitir que a verdade cristã seja descoberta por um agente não cristão. Os demônios testificaram que Cristo era o Filho de Deus, antes que alguns dos discípulos, senão todos eles, o soubessem. Qualquer que fosse o caráter de Lutero, isto é uma coisa, e deve ser julgada por si mesma. O Protestantismo é outra coisa e seus méritos devem ser apreciados segundo sua concordância com os ensinamentos de Cristo.

O ataque dirigido contra o Protestantismo, mediante o achincalhe do caráter e dos móveis de Lutero, principiou nos primeiros momentos da revolução protestante. Polemistas e pontífices, desde João Eck a Leão X, começaram prontamente a inflamá-lo como instrumento do reino das trevas e monstruosidade moral. Esse método foi francamente usado pelo cardeal Belarmino. E em tempos mais recentes, tem sido imitado por notáveis escritores católicos romanos de três países, como o dr. Milner, Dollinger em seu primeiro período e o bispo Spalding. Ainda mais recentemente, aquele método foi reeditado pelo padre Denifle e por Herman Grisar, em suas *Vidas de Lutero*. Se Coleridge tratou a Lutero como “a maior responsabilidade desde os dias de S. Paulo”, Perrone, professor do Colégio Jesuíta de Roma, chamou-o de rebelde que se rendeu à ambição. Se Carlyle viu nele “um herói verdadeiramente espiritual e um profeta em atenção ao qual aqueles séculos e muitos que estão para vir, renderão graças ao céu”, Urbano VIII difamou-o como monstro terrífico – *monstrum teterrimum*. Se Melancton o colocou ao nível de Isaías e S. Bernardo, Leão X e outros inimigos chamaram-no Catilina, novo Porfírio, louco, miserável, geração do diabo. Escrevendo em solo americano, o arcebispo Spalding fala de Lutero como “possuído de uma legião inteira de demônios; de Zwinglio como de um verdadeiro pagão e de Calvino como um legítimo Nero, que aniquilou as liberdades públicas em nome da liberdade”. Denifle tem estigmatizado cada vez mais o monge alemão, tratando-o como um cabeça-oca, mentiroso, vilão velhaco, trapaceiro, desprezível canalha, monstro moral – *Ungeheuer* – culpado de terrível depravação – *grauenvoller Unzucht*. Voltando à popular *Vida de Lutero*, p. 357, O’Hare, seu autor, obriga a língua inglesa a produzir os epítetos que ele julga adequados, e chama a Lutero “blasfemo, libertino, revolucionário, desprezador dos votos sagrados, desgraça da vocação clerical, pai do divórcio, advogado da poligamia e propugnador da imoralidade e da licenciosidade ostensiva” – tudo isso de um fôlego – e numa obra aprovada pelo cardeal americano! O dr. Guilday, no prefácio de um livro de monsenhor O’Hare, escreve que há muitas cenas vergonhosas na vida de Lutero” e atribui a Lutero “impotência para vencer a tentação e a negação do valor moral dos atos humanos”. Se tais epítetos e normas de ação, pregados às costas de Martinho Lutero, realmente representam o homem, os poderes das trevas possivelmente nunca tiveram mais dócil serviçal. Os adjetivos maus não tornam, todavia, o homem mau. Outros homens, antes de Lutero, foram apedrejados com doestos. Wyclif foi estigmatizado por um dignitário de alta categoria, o arcebispo Arundel, como “aquele pestilento desgraçado, de odiosa memória”, e tudo isso porque Wyclif, a instâncias desse mesmo arcebispo, fizera uma tradução da Bíblia! Profetas genuínos foram repelidos e

Aquele que era mais do que homem sofreu a calúnia de possuir demônio. Resta mostrar em que consistem as acusações tremendas levantadas contra Lutero e determinar se há razão líquida para que se conclua ter sido mau seu caráter e serem corruptos seus intuítos.

§ 1. Fantasias a respeito de Lutero. – Certas acusações contra Lutero têm-se baseado em pura fantasia. Essas invencionices se voltam para sua conduta em rapazinho e acompanham-no até a hora da morte e sepultamento. Em criança – assim rezamos rumores – foi acostumado a tomar o cálix na comunhão. A conclusão a tirar é a de que sua pretensa impiedade natural começou cedo. A acusação envolvia seus pais e Lutero a responde numa carta, 1520, em que descreve o lar de sua infância – Smith, 1:273 sq. Se a acusação fosse verdadeira, teria desacreditado a fidelidade dos sacerdotes daquele tempo, Por permitirem semelhante coisa.

Quanto ao modo por que morreu, Lutero se divertia em ler, quando vivo, uma narrativa a esse respeito, escrita em 1545 por um engenheiro italiano. A notícia referia que, após ter Lutero tomado o sacramento e morrido, um grande rumor se ouviu e o sacramento foi visto suspenso no ar. Mais tarde, abrindo-se a sepultura de Lutero, desprendeuse um odor sulfuroso e nenhum resto de seu corpo se encontrou. Por essas duas maravilhas – assim termina a história – muitos hereges se converteram. Lutero possuía o folheto traduzido e publicado em Wittenberg. A história foi repetida pelo cardeal Belarmino.

Ou tra anedota, contada com freqüência, veio dos lábios de um padre jesuíta de Cheol, no Brabante, Thyraeus, o qual referiu que muitas pessoas possuídas de espírito mau, visitando a cidade, tiveram cura temporária no próprio dia em que Lutero morreu. No dia seguinte ao da morte de Lutero, os espíritos voltaram e entraram nas mesmas pessoas; e, como se lhes perguntasse onde tinham estado no dia precedente, responderam que, por ordem de seu príncipe, tinham ido esperar a alma de seu “grande profeta e companheiro” – que outro não era senão Lutero.

Uma fábula muito grave, que tem tido longa duração e que foi aceita por eminentes letrados, corre mundo, dizendo que Lutero praticou o suicídio, pendurando-se a uma trave do leito, sendo que, depois da morte, seu corpo emitia um odor horrível. Recentemente, em 1890, em uma junta de negócios alemã, a história foi repetida como fato verídico pelo padre ultramontano e editor, Manjucke de Berlim.¹ O livrinho em que o caso fora recomposto alcançou pelo menos quatro edições. Seus termos, condensados e elaborados num panfleto de 92 páginas pelo dr. Honef, produziram sensação através da Alemanha. A edição original fora primeiro impressa por Bozio, em 1593, aproximadamente cinquenta anos depois da morte de Lutero. Ela discorda do testemunho explícito de grande número de pessoas que se achavam presentes quando Lutero morreu, da divulgação rápida de sua morte em Wittenberg e das honras que imediatamente lhe foram tributadas. A intenção de Bozio era mostrar que todos os hereges acabam por morte violenta. A história foi repetida pelo cardeal Belarmino, juntamente com invencionices alusivas às horas derradeiras de outros Reformadores, muitas delas retiradas do mesmo fabricante italiano. Nestes últimos tempos, apesar de ser ainda repetida como passatempo popular, a mentira foi posta de lado por reputados historiadores católicos, como Funk, Pastor e Janssen. Finalmente, ficou provado, a ponto de não mais admitir qualquer dúvida, ser pura invencionice do historiador católico romano, Paulus, baseado numa narrativa feita sobre a morte de Lutero pelo boticário de Eisleben, que era católico romano, narrativa que durante séculos dominara a arena polêmica.

§ 2. A linguagem violenta de Lutero. – Os adversários de Lutero argumentam que, visto ter sido a linguagem do Reformador freqüentemente vulgar e grosseira, seu coração devia ser ímpio. Em referência ao papa, e a outros adversários, ele manejou os nomes mais atrevidos. O bispo Spalding disse que “Lutero esgotou todos os epítetos da mais grosseira obscenidade contra seus oponentes, pouco importando a respeitabilidade que eles pudessem ter”, 1:88. É verdade que Lutero fala de Roma como de uma Sodoma, o pior antro de homicidas, assento de lupanares, fonte e lugar de todo o pecado, morte e perdição. Fala do papado como da última desgraça que a terra podia esperar e o pior de todos os demônios podiam fazer. Linguagem como esta, e freqüentemente repetida, argúi-se, denota um espírito destituído de qualquer respeito a pessoas e lugares sagrados. Seja dito de passagem que a mesma observação pode ser feita em relação ao bispo Jewel e a Tyndale, porque eles disseram, em substância, as mesmas coisas.

Do ponto de vista de nosso tempo, pode-se dizer que a linguagem aviltante de que Lutero usava era, algumas vezes, atroz. Ele foi, se é possível, além dos limites. Ao apreciar suas explosões de palavra, que com freqüência provocam risos por seu excesso de mordacidade, não se deve esquecer que a linguagem polida do trato com adversários, não foi característica do século XVI. Se os epítetos virulentos e soezes são um índice seguro de virulência e grosseria, então dificilmente se encontrará um escritor religioso, de certa projeção, na época de Leão X e Lutero. Outros Reformadores lamentavam a linguagem violenta de que Lutero se servia ao lidar com os inimigos e insistiam em que ele se moderasse. O próprio professor de Wittenberg lamentava o mau hábito. Antes de reunir-se a dieta de Worms, Lutero escreveu ao eleitor Frederico – Smith – I;479 – pedindo que lhe perdoasse a intemperança de língua e pedindo que se lembrasse de que tinha de combater contra quadrilhas de Moab e que Shemeis contra ele se erguera. Não se deve olvidar que, desde os dias de Jô, raras vezes, ou talvez nunca, houve tanta provocação à explosão de linguagem, como houve no caso de Lutero. Se o Reformador foi implacável no trato com seus inimigos, estes foram perversos em suas relações para com ele. O Reformador viu que às suas palavras se davam interpretações errôneas e suas intenções eram grosseiramente falsificadas. Em vez de ser combatido com argumentos, enfrentavam-no com ameaças e mentiras calculadas para que ele se irritasse. Meus adversários – escreveu ele, em 1521 – não me combatem com as Escrituras, mas com clamores de que eu seja exterminado da terra. No mesmo ano mencionou inumeráveis falsidades contra ele inventadas durante os três últimos anos. Se ao menos – continuou – as pessoas que veiculam as inverdades viessem a Wittenberg e tomassem o depoimento dos vizinhos, eles de modo algum expediram relatórios falsos acerca de seus atos, nem seriam aduzidos a suspeitas sem base. Se Lutero deve ser condenado por tratar com os adversários em calçar luvas, porque seriam escusados Leão X e Henrique VIII, quando atacaram a Lutero com os mais vigorosos epítetos e pediram sua morte, como se tratasse de criatura indigna de viver?

§ 3. A linguagem dos adversários de Lutero. – O vocabulário de Lutero, como já se notou, pode ser compensado pelos vocabulários de indivíduos e autoridades que contra ele se levantaram. João Eck, um dos teólogos mais respeitados da época, escreve: “Tenho por mais de uma vez mostrado que Lutero é mentiroso, como seu pai, o diabo”. Em seus “Obeliscos”, 1519, o professor chamava a Lutero “rebelde, falador sem brio, hussita.” Um ano antes, Gabriel della Volta, superior da Ordem dos Agostinhos, proclamara ser o monge de Wittenberg “inimigo da cruz, um miserável que o papa ordenara se metesse na prisão, ligado em cadeias e sob estrita vigilância”. Prierias não teve remorso de tratar a Lutero de

DAVID S. SCHAFF - NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

“leproso espiritual”. É para admirar que Lutero devolvesse o bom trato recebido, e replicasse a essa e a outras provocações do camareiro do Vaticano, estigmatizando-o como “desavergonhado e mentiroso mensageiro do diabo”? Quem era Prierias, afinal? Sua posição no Vaticano tornava-o, por ventura, imune do castigo merecido? Por que não havia ele de observar um rígido código de linguagem cavalheiresca, assim como os outros menos favorecidos? “Diabo” era palavra bastante em voga entre os que discutiam questões de teologia. Referindo-se ao discurso de Lutero em Leipzig, Eck declarou não ter ficado sabendo se naquela hora Lutero trazia o diabo o ventre ou debaixo do capuz.

Se voltarmos a atenção para os dignitários, veremos que Leão X será, se possível, menos comedido nas palavras do que o próprio Lutero. Enviando a rosa de ouro a Frederico, 1518, ele ao mesmo tempo caracterizou o monge de Wittenberg como “aquela ovelha escrofulosa, filha da perdição,. Que se diverte em pregar contra nós e contra a santa sé romana”. Mais tarde, anunciando a Frederico a bula que estava elaborando contra o monge, o pontífice chamava a Lutero “o homem venenoso e pestilento, a ovelha escrofulosa, o filho da iniquidade, o filho da perdição; o ministro de Satanás, que era dirigido pela ambição e buscava o dinheiro do povo; o homem que ajudava aos turcos e que fora enviado por Satanás; o homem que, no ímpeto de seu ódio ímpio, vomitava erros contra a santa sé, pelo que o aguardava o juízo de Deus”. A referência que Leão faz a dinheiro poderia ser impressionante, se não fossem a desastrosa administração de seu próprio tesouro e suas dívidas á Cristandade.

O legado de Leão na corte de Carlos V igualava a seu amo no colecionar vitupérios. Escrevendo para Roma, Aleander tratou Lutero por nomes tais como anticristo, miserável, tolo, cão, louco, monstro pernicioso, velhaco e cachorro, para quem as cadeias e as chamas estão preparadas – Smith, I:496, 497, 518, 525, 527, 544-547, etc. A epítetos tão suaves como esses se equipararam as referências do embaixador de Carlos V em Roma, escrevendo que Lutero “não seria bem recebido no inferno”. O próprio edito do imperador atira-se contra a doutrina de Lutero, tratando-a como “a mais cancerosa das pestes”; e proibiu a todos de darem a Lutero cama ou mesa, ou lhe prestarem auxílio de qualquer espécie. Não se mediam as palavras em nenhuma das facções, e é legítima a curiosidade de saber-se se alguma boa razão existe para que, de um lado, se tenha direito de esgotar as páginas mais escabrosas dos dicionários, e não tenha o outro lado esse direito.²

É verdade que, do ponto de vista de um fervoroso católico romano, é bastante estranhável que Lutero tratasse os altos dignitários com malicioso desrespeito: pensa o tal que o pontífice romano, como vice-gerente de Deus na terra, sendo submetido àquele tratamento, não responda, ou responda, pelo menos, em linguagem cortês. Suposto, porém, que o Presidente dos Estados Unidos aplicasse a um cidadão americano epítetos deprimentes, o americano não havia de sentir-se justificado, retrucando da mesma maneira? Se Lutero violou os cânones do bom tom e neste excelente século XX não merece desculpa, muito menor fundamento há para que se desculpe a Leão, que foi criado, não como um camponês, mas em Florença, em meio da cultura e das maneiras cortesãs dos Medicis.

Lutero foi envolvido pela guerra e não por um torneio literário. Na guerra se usam armas, e não frases floridas. Leão deu início aos nomes deprimentes. Lutero foi condenado como herege e bandido. Seus livros foram queimados pelas universidades. Foi recomendado às chamas. Sua vida foi caçada. Livremente se predisse sua morte desde o momento em que as Teses começaram a circular. O cardeal Cajetan recebeu instruções de Leão, na dieta de Augsburgo, 1518, “para manter Lutero em segurança”. Ao mesmo tempo se apelou para o eleitor, Frederico, para que entregasse Lutero à autoridade de Leão. Mais

tarde, Leão enviou ao eleitor um pedido específico, no sentido de que se prendesse o monge. No mesmo propósito os cardeais reforçaram suas súplicas ao príncipe – Smith 1:334. Lutero foi tratado como nem a um anarquista se trata hoje. Não se lhe deu ouvido. Em 1520 o Reformador escreveu ao eleitor que “estava cercado pela frente e pelas costas por espadas, bulas, trombetas e buzinas papistas, mas se não aterrorizava com suas ameaças”. O propósito papal de ver a Lutero queimado, não se abateu com o correr dos anos. Paulo III, insistindo na sua morte, pediu a Carlos que lembrasse de Eli, Uzias e outros transgressores, que viveram sob o Velho Pacto, e da punição que eles tiveram de sofrer. Não é de espantar que Lutero chamasse a Paulo “sua alteza infernal” e Calvino lhe aplicasse epítetos de igual força ou ainda mais fortes. Ao contrário de seu predecessor, Huss, Lutero viveu até a morte natural, com a face voltada para os inimigos e em presença das mais violentas tentativas para fazê-lo perecer.³

O século XVI não foi um modelo de delicadeza. Se alguém procura grosserias delinquagem, não terá outra coisa a fazer senão lançar os olhos sobre os sermões que o grande pregador Geiler proferia es Strasburgo, na época em que Lutero estava no convento, ou tomar Reuclin, o erudito, que numa obra contra seus caluniadores, 1513, esbordoava-os com doestos tais como bodes, cães, lobos, porcos, porcas, cavalos, asnos, filhos do diabo e filhos do inferno.

§ 4. O estilo de Sir Thomas More. – Dos adversários ingleses da Reforma, poderíamos ser tentados a esperar alguma coisa diferente, mas ficamos decepcionados. Sir Thomas More usou do mesmo vocabulário de que Lutero se serviu. More era chanceler de Henrique VIII e um dos principais fidalgos de seu tempo. Foi beatificado por ato recente de Leão XIII. Com toda a justiça se poderia esperar de tal homem a maior pureza de linguagem. O senhor de More, Henrique, tinha sido rudemente tratado por Lutero, que o chamou de “burro coroadado, e com desgosto de Deus, rei da Inglaterra”. A linguagem era acerba, mas não condenatória como a de que o rei havia usado, quando tratou a Lutero de “lobo do inferno e membro de Satanás”. Mais tarde Lutero expressou sua tristeza em razão de sua linguagem violenta, mas de um rei dificilmente seria lícito esperar uma desculpa, e nenhuma desculpa veio.

O chanceler de Henrique seguiu o amo e pôs de lado, poderíamos dizer, o decoro da controvérsia. Não o censuramos por ter caracterizado o sistema de Lutero como “todo o amontoado de heresias reunidas”, porque ele assim o considerava. Nem, talvez, podemos censurá-lo por haver dito em seu *Diálogo sobre as Imagens* – IV-15, que “de todas as heresias que jamais surgiram na Igreja de Cristo, as piores são as luteranas”. O caso é outro, quando o culto juiz se dirige a personalidades. Repisadamente ele se refere a Lutero nestes termos: “aquele louco” – *hic nebulo*; “aquele velhaco”; “o louco mais furioso, com intentos diabólicos”; “aquele louco de face asinina”. Estigmatizou a Lutero como o anticristo que escondeu sob a fé sua própria perfídia e blasfêmia. Lutero – assegurou More – escreve as mais mentirosas blasfêmia, como nenhum asno estulto, ainda que se esforçasse, poderia zurrar” – *ut nulus asinus potuerit stolidus rudere*. Todos os que forem bons cristãos – assim aconselhava o chanceler – “devem espancar e moer os luteranos, como a Escritura recomendou que se fizesse com as crianças de Babilônia, esmagando-lhes a cabeça de encontro às pedras”. Quanto ao próprio Lutero, ele devia ser – “despachado como o foram Ananias e Safira. Em sua boca disforme e monstruosa ele gerou mentiras imundas e pestilências blasfemas de natureza tal, que o próprio Satanás dificilmente seria capaz de imitá-lo. Nele, como num esgoto do inferno, todas as espécies de escória

lamacenta e imundície se precipitaram. Ó Satanás, com que honestidade muitíssimo maior tu trata a Escritura, em confronto com a maneira porque o faz Lutero, teu discípulo!” A outros adversários, tanto ingleses como alemães, More tratou de “suínos”, “cães infernais que o diabo guarda em seu canil”, “macacos adestrados para divertimento de Lúcifer”, como aconteceu em seu *Diálogo*, contra Frith. O derradeiro nome deprimente que ele deu a Tyndale foi o de “tratante”. More o acusava de ser, assim como Lutero, “criatura dominada pelo pecado e pela corrupção bestial, sendo tão lascivo um como o outro. Raciocina como se fosse algo melhor que uma besta, de cuja boca brutal, animalesca, sai tal baba suja de blasfêmias contra os santos sacramentos de Cristo... Este indivíduo tão fanático e falso nas invectivas”. More se vangloriava do ódio que nutria contra os hereges; e sobre a tortura a que os submeteu na Torre, diz ele: “Como bem o merecem, o poder temporal queima-os; e, depois do fogo de Smithfield, o inferno os recebe lá onde os miseráveis ardem para sempre”. De João Tewksburry, queimado em 1531, disse o chanceler: “Nunca houve um desgraçado, concordo, mais digno disso”. A Thoma Hylton, queimado no ano anterior, ele chamou “a panela de fogo do diabo”. A verdade é que Lutero e More, como se diz haver observado o bispo Atterbury, “tinham maior habilidade do que quaisquer homens da Europa, em tratarem um ao outro pelos nomes mais crus em excelente latim”. A despeito de sua linguagem, More está bem encaminhado a ser proclamado santo – e Lutero é ainda chamado demônio.

O emprego de linguagem abusiva contra os adversários religiosos teve pequeno ou nenhum abrandamento nos anos que imediatamente se seguiram ao estalar da Reforma. No Sínodo de Passy, 1562, a que doze ministros protestantes, inclusive Beza, foram presentes, o jesuíta Laynez chamou aos protestantes “lobos, raposas, serpentes e assassinos”. Cem anos depois, em 1640, os jesuítas no volume jubilar comemorativo de sua Ordem, falam de Lutero como daquela “deformidade da Alemanha, daquele porquinho epicurista, a praga da Europa, o monstro miserável do mundo, objeto de ódio do homem e de Deus”. Em nosso próprio tempo, ainda Leão XIII – 3 de dezembro de 1880 – se mostrava mal informado, ou fez voluntária injustiça a seus semelhantes, ao considerar os missionários protestantes como “homens mentirosos, disseminadores de erros, que se fingem de apóstolos e estão empenhados no esforço de propagar o domínio do príncipe das trevas”. Pio X, em sua encíclica *Borromeu*, 1910, uniu-se a Leão XIII no estigmatizar os Reformadores como “inimigos da cruz e homens votados aos desejos carnis, cujo deus é o ventre”. O dr. Milner, em seu *Fim da Controvérsia Religiosa*, formulou suas conclusões acerca do “libertino frade alemão” nestes termos: “Mostrei que o patriarca Lutero era joguete das paixões desenfreadas, orgulho, ressentimento e cobiça; que ele era turbulento, desabusado e sacrílego no mais alto grau; que era o trombetaireiro da sedição, da guerra civil, da rebeldia e da desolação; e, finalmente, que, por sua própria escolha, foi discípulo de Satanás no tocante ao artigo de maior importância de sua pretensa reforma”. Tudo isso vem a significar que a Reforma foi obra do diabo e Lutero seu agente imediato.

§ 5. Lutero, homem de espírito satânico. – Procurando razoável explicação para a torpeza de espírito de Lutero e para a depravação de seus propósitos, um inimigo investigou-lhe o nascimento e descobriu que “o menino fora gerado de adultério do diabo com a mãe de Lutero”. Assim foi o assunto posto em tela por Cochlaeus. Os escritores romanos da atualidade, não recuando a tão grande distância, encontram nas próprias expressões de Lutero, que descrevem seu hábitos, ou que se presumem descritivas de seus costumes, e nas explanações de suas próprias crenças, provas de que ele era maligno de

coração, vingativo, entregue à ambição grosseira, dado à mentira e ainda à incontinência. A mais cuidadosa pesquisa feita no sentido de lhe descobrir os intuítos íntimos, foi recentemente feita pelo dominicano Denifle e pelo dr. Hermann Grisar. Denifle, desviando-se dos estudos medievais em que era mestre, dedicou dois volumes a Lutero, acusando-o da depravação mais baixa que a mente possa conceber. João XXIII foi acusado de um catálogo apavorante de iniquidades específicas; mas a torpeza moral nunca foi mais veemente e repetidamente argüida contra um mortal do que o foi contra o Reformador alemão, Lutero, na denúncia de Denifle. A que maior distância poderia ir um autor do que fez o dominicano, quando declara que Lutero inventou a doutrina de que a justificação é pela fé, com o exato propósito de continuar na prática desenfreada do pecado! Em comparação com Denifle, o professor Grisar é moderado e assinala mesmo que algumas das acusações de seu predecessor são insustentáveis. A caprichosa biografia escrita por Grisar é uma tentativa de estudo da psicologia de Lutero. A conclusão a que chega o autor é a de que Lutero começou bem como filho da Igreja e que algumas de suas primitivas denúncias, contra o estado religioso de seu tempo, foram bem merecidas. Em 1520, Lutero experimentou uma completa mudança. Vendo-se a fazer barulho na Europa, deu ensejo ao vão amor da notoriedade e à ambição, tornando-se escravo delas. O desmedido orgulho, alicerçado no temperamento ardente e indomável, fornece explicação ao assalto do monge alemão contra o papado e a Igreja. Na América, o mais hábil expositor dessa teoria foi o arcebispo Spalding.

O juízo condenatório proferido contra Lutero por aqueles outros escritores católicos, acerca do estado íntimo do Reformador, se baseia: 1) No pior sentido que é possível dar-se às palavras de Lutero e na determinação de nenhuma concessão se fazer à sua fatal extravagância no uso das palavras; 2) Na negação de qualquer veracidade ao testemunho dos amigos de Lutero; e 3) No método de tratar-se como falsa e hipócrita toda profissão de fé feita por Lutero em suas exposições da Bíblia, tratados e hinos, em seus sermões, cartas e conversação. Acima de tudo, o juízo parece ser baseado na presunção antecipada de que um homem da educação e inteligência de Lutero não podia ter bons intuítos e, ao mesmo tempo, revoltar-se contra a autoridade da Igreja Romana.

Da obra de Denifle – *Vida de Lutero* – podem-se tirar exemplos que fazem o Reformador advogar exatamente a coisa contra a qual ele estava combatendo ou pregando, e isso é feito pelo método de desviar o autor uma frase de sua conexão natural, investindo sobre ela, como se representasse a opinião de Lutero, quando de fato ela expressava o próprio vício que ele empenhava em condenar.⁴ Como exemplos de acepções falsas postas em palavras de Lutero, figuram as insinuações de sensualismo e intemperança. Esta última imputação, baseada principalmente numa carta escrita de Wartburgo por Lutero e endereçada a Melanchthon, carta que Denifle trata com grande minúcia, é posta de lado por Grisar – I:396 sq. 482 – que conclui, após longo estudo, que Lutero se referia a tentações e não a desonestidade, e que a imputação de incontinência a ele feita é uma conjectura. Quão longe os críticos hostis são obrigados a ir, para justificarem a probabilidade de impureza da parte de Lutero, vislumbrada no uso que se faz de uma expressão deste, de ter sido um grande e impudico pecador, - *ich bin gewest ein grosser, schwerer, schändlicher Sünder*, asserção que encontra natural paralelo na afirmação de Paulo, de ser o principal pecador. Ao tempo do casamento de Lutero, oito anos após a afixação das Teses, Melanchthon e outros tiveram ocasião de louvar a castidade habitual do Reformador.

Em relação à increpação de ter sido Lutero bebedor imoderado, deve ser dito que temperança de mesa não era virtude fulgurante do século XVI, como indicam as

descrições dos homens da época, Carlos V habitualmente bebia três quartos de vinho ao jantar. Se consultar a Pastor, o leitor encontrará alguma coisa acerca da tolerância para com uma forte bebida escura, a que Paulo IV, um dos contemporâneos de Lutero, era afeiçoado. Lutero bebia, como era costume da época, e de quando em quando mencionava o uso que fazia de vinho e cerveja. Essas bebidas – ele uma vez declarou – eram-lhe prescritas para os padecimentos. Poucos dias antes de sua morte, Lutero escreveu à esposa que os conselheiros de Eisbelen lhe haviam concedido meia pinta de vinho do Reno para cada refeição. O Reformador fez outras referências dessa espécie dessa espécie, mas a única notícia que fornece possível fundamento à acusação de uso imoderado do álcool é a declaração feita ao eleitor João Frederico, de que Lutero, em certa ocasião, tinha bebido em excesso, embora, como a notícia esclarece, “ele nada tenha dito de inconveniente”. Por outro lado, Lutero pregava contra o demônio da bebida – o *Saufteufel* – e Melanchthon fez especial menção de sua moderação à mesa. – Grisar, I:244-265, não somente coloca à parte a acusação de intemperança, mas diz que, segundo a medida da época, Lutero era moderado no beber. Apesar dos fatos, um escritor recente, Schwertner, em sua *Renascença Eucarística*, não hesitou em dar rédeas à imaginação, asseverando “que Lutero e seus seguidores bebiam fartos goles de cerveja, enquanto denunciavam os abusos da Igreja. Com o cérebro atordoado e a mente oca, para eles a coisa mais fácil do mundo era parar com suas fulminações contra Roma, somente para se empenharem em gritaria”. Acima da surpresa em que tal apreciação pudesse causar, está o espanto que produz a circunstância de ter sido publicado com aprovação eclesiástica o volume que estampou essas coisas.⁵

§ 6. A bigamia de Felipe de Hesse. – Causa mais justa de reprovação oferece a atitude de Lutero, em face do casamento duplo de Felipe de Hesse. É uma nódoa profunda deixada em sua carreira, difícil de ser lavada. Nenhuma atenuante se pode conceder a Lutero, sob o pretenso fundamento de que ele não havia se emancipado dos princípios da casuística e do probabilismo, defendido pelos jesuítas. Os fatos são os seguintes: Felipe, vivendo ainda sua primeira esposa, obteve de Lutero consentimento para tomar uma segunda mulher – permissão com que foram solidários Melanchthon e Bucer. A permissão foi concedida sob o fundamento de que era moralmente menos ruinoso a Felipe desposar uma segunda mulher, do que recair em adultério. Nessa ocasião Felipe estava vivendo com a amante, circunstância que Lutero então ignorava. A condição imposta por Lutero, para que o segundo casamento se fizesse, foi a de que ele se mantivesse em segredo. Efetuou-se o casamento e, tornando-se o fato conhecido, Lutero insistiu em que o *landgrave* negasse o casamento com formal negativa.

Acusa-se a Lutero, sob o fundamento de que a maneira por que tratou do casamento do *landgrave* prova que ele fazia mesquinho conceito do matrimônio e defendia a falsidade. A primeira acusação deve ser desfeita. Por essa transgressão particular não se segue que ele tenha repudiado para sempre a santidade dos laços matrimoniais, assim como não se poderia deduzir da única negação de Pedro que este houvesse renegado perpetuamente a Cristo. Quando, em 1541, um ministro protestante, Neobulus, defendeu a pluralidade simultânea de casamentos (poligamia), Lutero expressou sua indignação por essa maneira de tratar do assunto. Lutero pode ser acusado, quando muito, de covardia moral, deixando de sustentar o caráter sagrado do casamento, exatamente como Pedro se tornou culpado de covardia, deixando de confessar a Cristo num momento crítico.

Contra a acusação de que, no caso de Felipe, Lutero aconselhou a mentira, os Protestantes nada têm a dizer para alívio de sua culpa. Tenta-se explicar o caso, recordando

a natureza sagrada do conselho dado em confissão e que Lutero, quando insistiu em que Felipe negasse o casamento, estava sob o domínio da lei da Igreja Romana, cuja força se habituara a reconhecer. Depois que se houver dito tudo quanto se possa dizer, o pecado de Lutero, no caso do casamento de Felipe, continuará a ser pecado, para o qual o Protestantismo não reconhece nenhum meio legítimo de escusa.

§ 7. o verdadeiro Lutero. – A defesa de Lutero em face de acusações tais como ignorância, maldade, incontidência, espírito vingativo e crassa ambição, requereria prolongada análise de sua carreira e de seus escritos. É suficiente que se diga aqui, em réplica, as seguintes coisas: 1. Quanto à ignorância, ninguém jamais acusou a Lutero de não ter sido estudioso. Teve mestres acatados. Passou pelo *curriculum* teológico oficial. Foi nomeado professor e recebeu o grau de doutor em teologia. Conhecia o Velho e o Novo Testamento nas línguas originais. Conhecia as condições de sua época, desde as ruas até o interior do convento; desde o vestibulo de Wittenberg, cheio de relíquias, até as comodidades de Roma. 2. Nenhum fundamento há para a acusação de ter sido Lutero impulsionado pelo amor ao dinheiro ou à suntuosidade. Ao revés, seu salário era escasso. Vivia com simplicidade. Recusou-se a receber qualquer recompensa por seus livros, alegando que pelos “dons de Deus”, como os chamava, não tinha direito de auferir lucro. Quisesse ele conseguir acesso, este lhe seria proporcionado, estando reunida a dieta de Worms. O arcebispo de Treves – como escreveu Aleander – prometeu a Lutero, se se retratasse, um rico priorado, um lugar à mesa do arcebispo e a proteção do imperador e do papa. Ao mesmo tempo, Aleander não teve escrúpulo de acrescentar que o arcebispo não tinha intenção de cumprir sua promessa. A Zwinglio haviam prometido até um chapéu cardinalício, se quisesse retirar-se da nova ordem. 3. Nenhuma acusação se levantou de ter sido Lutero infiel para com o lar, a esposa ou os filhos. 4. Lutero não se deixou arrebatado pelo orgulho, em razão de sua celebridade. Nunca se envergonhou do dever de honrar a seus pais. Não solicitou o favor de dignitários ou de cortes. 5. Lutero enfrentou o perigo. Nunca se subtraiu a ele. Combateu em campo aberto. Escrevendo contra Prierias, usou destas palavras: “Não temerei milhares de papas. Maior é Aquele que é em nós do que o que está no mundo”. Quando desceu de Wartburgo, fê-lo contra a vontade do eleitor, tendo o Reformador escrito a este: “Não tenho o intuito de pedir o apoio de vossa graça. Demais, creio que posso oferecer a vossa graça melhor proteção do que vossa graça é capaz de proporcionar-me. Se eu pensasse em ter no eleitor a pessoa em quem confiar, de modo nenhum iria a Wittenberg”. Todos os que o rodeavam prediziam-lhe morte violenta. Acertadamente falou o velho soldado, von Frundsberg, ao dizer a Lutero, justamente quando este penetrava na sala do Concílio, em Worms, que o embate em que ele estava empenhado era mais tremendo do que qualquer outro jamais travado em qualquer campo de batalha. Seàs vezes Lutero se mostrava tão indomável como um leão, também sabia revestir-se da ternura das crianças. Nenhum pai poderia falar mais ternamente à beira do leito de morte de um filho, como Lutero falou junto ao leito de Lena. E, em meio a todas as inscrições gravadas em túmulos de crianças, dificilmente se encontraria uma tão patética como o epitáfio que Lutero compôs para a lousa da filhinha. Um dos episódios de carreira que comumente se tem olvidado, é o que se refere ao seguinte: quando Tetzal estava moribundo, Lutero lhe escreveu uma carta de bondosa simpatia, confortando-o com a afirmação de que a culpa da comoção alemã não pertencia a ele, Tetzal, mas recaía sobre outros ombros. 6. Os ataques pessoais feitos por Lutero contra indivíduos revestidos de poder, relacionavam-se com os abusos eclesiásticos, segundo ele os entendia. Em 1521

DAVID S. SCHAFF - NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

escreveu que jamais havia tocado na pessoa de papa ou prelado, mas somente em seus vícios e seus atentados contra as Escrituras. Não foi senão após ter anunciado quase todo o programa da Reforma que Lutero começou a fustigar personalidades. Só depois de ter sido arrastado, enlameado e acuado, foi que denunciou os adversários, como também havia sido denunciado. 7. Lutero era franco. Dizia o que pensava. Quando seu eleitor lhe aconselhou a tomar precauções, e até a guardar silêncio, ele replicou que devia falar claramente em defesa da verdade, ainda que o eleitor se ofendesse com semelhante conduta. “Tenho sido violento, mas sempre disse a verdade: ninguém pode acusar-me de hipocrisia” – escreveu em 1523. Os contemporâneos que o conheceram melhor, falam bem a seu respeito. Reconheceram-lhe as fraquezas e louvaram-lhe as virtudes. Lutero viveu sob três eleitores: é quase impossível imaginar que pudesse conservar seu bom conceito perante eles, se se tornasse suspeito de alimentar propósitos de interesse pessoal ou se tivesse sido impuro de mente e de hábitos. Nas ruas de Wittenberg e na Universidade, homens do povo, professores e príncipes deram testemunho de retidão de sua vida. Não parece crível que o homem que nutrisse uma vil concepção da vida e estivesse cheio de engano, pudesse ter escrito os hinos que Lutero escreveu ou expusesse a significação da Escritura da forma por que o fez em suas *Introduções* a Romanos e Gálatas. Ademais, como seria normalmente possível que até quase o dia da morte pudesse ele a continuar a ministrar lições sobre o texto sagrado, tivesse um auditório de estudantes, e ainda era homem de propósitos rasteiros?

Se se tiver em mente que a atividade de Lutero importava na renúncia da supremacia papal, da eficácia dos sacramentos e de outros conceitos considerados como partes essenciais da religião cristã, não será de estranhar que as intenções do Reformador se tornassem objeto de ataque e que suas fraquezas naturais se interpretassem como provas de que ele era emissário de Satanás. A sorte dos homens iminentes, de Paulo para cá, sempre foi a de serem mal compreendidos e mesmo profundamente satanizados. Nos negócios seculares assim aconteceu com Washington e Lincoln. Em meio de sua carreira, escrevia este último: “Se eu tivesse de ler, e ainda mais de responder, todos os ataques que me atiram, esta oficina podia perfeitamente trancar-se a qualquer outro negócio. Procedo do melhor modo que sei, do melhor modo que posso – e assim pretendo continuar a fazer até o fim. Se no fim eu tiver procedido com toda a justiça, o que se diz contra mim nenhum acréscimo trará a coisa alguma; se no fim eu me encontrara no erro, então os anjos a proclamarem que eu era justo não alterarão as coisas”. Ao lado dessas palavras modernas, podem ser colocadas as afirmações de Lutero, em sua obra sobre o Papado – ed. Weimar 8:323. “As censuras com que minha pessoa está sendo atacada, eu as deixarei sem resposta. Comigo não podem lutar meus caros romanistas, porque nunca experimentei medir-me pela estatura dos que censuram minha vida e pessoa tão vigorosamente quanto possam: tudo está perdoado no que se refere a mim. De mim, entretanto, não espere indulgência o homem, qualquer que seja, que procure tornar mentiroso o Cristo Senhor, a quem sirvo, e o Espírito Santo. Em assuntos referentes, não a mim próprio, mas à Palavra de Cristo, eu estarei na defensiva”.

Mui recentemente, em 1927, o caráter de Mr. Gladstone foi difamado. O estadista que, quando vivo, fora tido como homem de vida exemplar, era acusado, em letra de forma, de grossas imoralidades. O veredictum da corte, perante o qual o caso foi levado pelo filho do estadista, absolvendo o acusado, realçou “o alto caráter moral do falecido Mr. W. E. Gladstone”. O duradouro infortúnio de tais acusações reside no fato de que, uma vez levantado o rumor em torno delas, estão prontas a ressurgir, mais cedo ou mais tarde, por

DAVID S. SCHAFF - NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

mais provavelmente falsas que sejam. Enquanto mais ampla revisão não se fizer dos males aparentemente incuráveis que a Igreja do século XVI herdou e não se der tratamento liberal aos protestantes que sustentam as concepções de Lutero, pode-se esperar pela sobrevivência, em alguns círculos católicos romanos, da caricatura, segundo a qual, para usarmos das palavras de Carlos V, Lutero foi “o diabo vestido de frade”.

Este capítulo pode encerrar-se com a descrição de Lutero, feita pelo cardeal Belarmino, e com o testemunho final do dr. Dollinger. O cardeal traçou um paralelo jocoso entre Lutero e Maomé, o falso profeta, e fez um confronto entre o líder germânico e o próprio Satanás. Viu Lutero descrito no Apocalipse 9:7-12, como o anjo do abismo insondável e nota que Satanás não perdeu sua recompensa ao fazer estalara inaudita insurreição do Levante – *tantum incendium* – através de Maomé e, em rebelião semelhante, no Ocidente, através de Lutero. Como Cristo deu a Pedro as chaves do céu, Satanás deu a seu apóstolo e primaz, Lutero, as chaves do abismo sem fundo, e Lutero dele retirou erros monstruosos, sementeira de velhas heresias e ensinamentos infernais. O Evangelho de Lutero e o Corão são iguais. Lutero recomendava a cobiça e tornou-se modelo na sua prática. Todos os transgressores saltam para os luteranos, porque os luteranos sustentam que os pecados não são coisa que se confesse aos sacerdotes – e entregam-se à intemperança e à glotonaria, porque não têm jejuns, e à incontinência, porque permitem o casamento a freiras e frades. Por nenhuma outra heresia ou perseguição havia Satanás arruinado tão ferozmente a Igreja, como através de luteranos, zwinglianos e calvinistas. Lutero nada deixou intacto no céu, no inferno ou no purgatório. Despojou a Deus da Trindade, a Cristo despojou tanto da divindade como da humanidade, aos santos lhes roubou a santidade. Na terra, a tempestade luterana – *tempestas* – arrebatou à Igreja a maior parte das Escrituras, todos os sacramentos, todas as tradições, votos, jejuns, dias santos, altares, relíquias – todos os legados de piedade que ela herdara, leis eclesásticas, disciplina e, finalmente, toda virtude e toda ordem e beleza que havia na casa de Deus. Quanto ao purgatório, o luteranismo tenta extirpar-lhe até os próprios fundamentos. Somente houve um reino que a tempestade luterana poupou: o inferno.

O dr. Dollinger, outrora tido entre os católicos romanos como um dos mais eminentes historiadores eclesásticos, no período primitivo de sua carreira tratou ainda mais severamente o Reformador alemão. Em 1872, após ter rejeitado o dogma da infalibilidade papal, escreveu as notáveis palavras que se seguem: “Foi a dominadora grandeza de espírito e a maravilhosa capacidade de Lutero que fizeram dele o homem de seu tempo e de seu povo, e é justo dizer que nunca houve na Alemanha quem tão instintivamente compreendesse sua gente e por ela fosse, em troca, tão perfeitamente compreendido, sim, eu poderia dizer, tão absorvido por ela, como o monge agostiniano. O espírito e o coração dos alemães eram, em suas mãos, como harpa nas mãos de um artista. ... Deu a seu povo mais do que qualquer outro homem, nos séculos cristãos, jamais deu a uma nação: língua, manual de instrução popular, a Bíblia e hinos para o culto. ... Enquanto seus adversários gaguejavam, ele falou. Ele é o único que ao mesmo tempo imprimiu o selo imortal de sua própria alma na língua alemã e no espírito alemão”.⁶

Lutero foi um grande homem com fraquezas humanas, homem de elevados intuitos com enfermidades. Quer seja favorável ou não ao conceito que dele se faça, a personalidade de Lutero é uma coisa e outra é o Protestantismo. O ponto em discussão entre Romanistas e Protestantes é se o Protestantismo, como um conjunto de ensinamentos religiosos, está ou não em consonância com as Escrituras.

Bibliografia e Notas

- 1- Majunke: *Luth's Lebensende*, 4ª ed., 1890, p. 102. – Paulus: *Luth's Lebensende und d. Eislebener Apotheker*, 1898. Kidd: *Luth's Selbstmord*, 1892, etc. A história do droguista de Eisleben foi publicada na biografia de Lutero, feita por Cochlaeus, 1565. Recentemente exemplo de como se espalham falsos rumores tendentes a desacreditarem a heresia, temo-la em duas narrativas das últimas horas de Dollinger, narrativas que foram divulgadas por periódicos católicos romanos. Uma das versões referiu que Dollinger morreu como Arius: foi desmentida pelo médico que atendeu ao historiador à hora da morte; a outra, de ter ele voltado, antes da morte, para a igreja católica romana, foi refutada pelo amigo íntimo de Dollinger, dr Reusch, nas *Cartas de Dollinger e Explicações dos Decretos Vaticanos.*, 1890. A declaração de Bozio pretendia basear-se na referência feita por um dos serviçais de Lutero, cujo nome Bozio não registrou. Numa obra publicada em Antuérpia, 1606, Sedulius acrescentou à mentira de Bozio que os corvos acompanharam a procissão do corpo de Lutero, desde Eisleben até Wittenberg.
- 2- O Arcbp. Tenison, nas *Notes of the Ch.*, p. 251, disse de Lutero que “era homem de temperamento feroso e linguagem indelicada, mas deve-se considerar que, atravessando mar tão áspero, ser-lhe-ia quase impossível deixar de açoitar as vagas insultosas, até que se aquietassem”.
- 3- Calvino, que se tornava pequeno em presença de Lutero, quanto ao uso de linguagem extravagante, se acaso dela usava, numa carta furiosa, se bem que merecida, a Paulo III, fala do pontífice como “o vagabundo da época, o maniaco, aquele Satanás”. A linguagem de Knox excedia a de Lutero em aspereza er invectiva.
- 4- Se alguém levantou acusações pessoais, esse foi Denifle, que ousou escrever que Lutero fora escravo da concupiscência, sendo seu Evangelho um seminário de pecados e vícios, 1:764; que ele falsificara os escolásticos, deturpou Tauler, não leu Tomaz de Aquino, 1:473-483, e que a noção que ele formara de Agostinho, e através da qual encontrara as diretrizes de S. Paulo, serve somente para um ignorante, pp.463-467. Lutero era a falsidade personificada, um pateta de tal ignorância que só provoca hilariedade, pp. 458, 508, 544, 551. Essas asserções têm sido em grande parte respondidas pelos escritores romanos Scheel e Holl e pelo ex-monge A. V. Muller, assim como por Walther e outros escritores Protestantes.
- 5- O prof. von der Hagen, num discurso feito em Berlim e impresso em 1838 e 1883, demonstrou, com pena hábil, que Lutero nunca existiu. Compreendeu-se que se tratava de um arremedo satírico do mito de Jesus, de Strauss, e sugeriu as *Doubts concerning Napoleon's Existence*, de Whately.
- 6- O notável juízo de Dollinger acerca da Reforma Alemã, formulado em seu último período – *Akad. Vortr.*, 1: 76, assim se expressa: “Durante longo período de minha vida, as ocorrências da Alemanha, 1517-1552, foram um enigma indecifrável para mim. Eu via apenas a nação dividida em duas partes e destinada a eterno ódio e luta. Desde que estudei mais acuradamente a história da Alemanha e de Roma durante a Idade Média, penso compreender o mistério como jamais poderia fazê-lo dantes, e adoro a Divina Providência pela qual o povo alemão se tornou instrumento útil na casa de Deus, e não um vaso ignóbil... Presentemente, a Roma espiritual é na

DAVID S. SCHAFF - NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

Alemanha, mais poderosa do que na Itália. Esse era também o caso nos séculos XIV e XV, e depois aconteceu o que todos nós sabemos”.